

Estudos Libertários

Proudhon, em *Do Princípio Federativo*, diz que o sistema federativo é “o oposto da hierarquia ou centralização administrativa e governamental”. Como modo de organização, ele é a resposta anarquista ao Estado centralizado dos comunistas. Ele é a resposta ao estatismo e, desse modo, constitui a espinha dorsal da concepção libertária da organização. E na medida em que a organização das forças que devem abater o Estado constitui o modelo da sociedade que deve substituir-se a ele, o federalismo é simultaneamente a forma da associação dos produtores hoje e aquela que assumirá amanhã. A sociedade econômica de hoje contém em si mesma o princípio de sua organização futura.

RENÉ BERTHIER

René Berthier

DO FEDERALISMO

DO FEDERALISMO

Imaginário

René Berthier

DO FEDERALISMO

Tradução

Plínio Augusto Coêlho

Editora Imaginário

Rua Espártaco, 456 - Vila Romana
Tel. 11-3864-3242
05045-000 São Paulo - SP
www.editoraimaginario.com.br
ed.imaginario@uol.com.br

Novembro de 2011

Editora Imaginário

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Alexandre Samis	
A HERANÇA DE PROUDHON:	
O FEDERALISMO	17
A unidade	29
A autoridade	32
KROPOTKIN E O FEDERALISMO	37
Um princípio oposto ao Estado	41
A pressuposta metodologia de Kropotkin	49
RETORNO A BAKUNIN:	
PROLETARIADO E ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA	53
Proletariado e organização	54
“Seções de ofício” e “seções centrais”	70
As minorias revolucionárias	82

PREFÁCIO

Alexandre Samis

O irlandês Jonathan Swift, em seu tempo, dominou como poucos, mesmo depois dele, a arte da ironia que se encontra estampada em toda a sua obra literária. Ao escrever no ano de 1725 o que talvez tenha sido o seu livro mais popular, *Viagens de Gulliver*, não apenas conservou a fidelidade à sua verve irônica como ainda brindou a cultura ocidental com uma belíssima metáfora sobre os poderes políticos e a constituição do tecido social. Em *Viagens de Gulliver*, o protagonista vê-se confrontado por uma sociedade constituída de minúsculos seres humanos, os liliputianos, eixo através do qual se desenvolve uma trama tratada, via de regra, com insuficiente seriedade pela maioria de seus leitores de ontem e hoje.

No caso desta despretensiosa apresentação da obra assinada por René Berthier, a tessitura de Swift serve-nos para tentar justificar a própria na-

tureza destas primeiras linhas destinadas a introduzir um conjunto colossal, no que tange à capacidade reflexiva, sobre a genealogia do federalismo nos anos do oitocentos. Uma iniciativa liliputiana, naquilo em que tal metáfora possui de federativo, de colaborar como uma parte menor de um esforço fundamental na direção da tradição ainda muito pouco conhecida nos meios esquerdistas do Brasil.

Dito isto, entendendo encontrar-se o leitor devidamente esclarecido sobre os limites das linhas que se seguem, cabem agora algumas observações.

* * *

Não foi casual, ainda menos arbitrária, a fúria dos federalistas revolucionários contra o pressuposto, mais claramente defendido por Rousseau, e uma forma específica de “contrato social” na qual a figura do Estado cumpriria papel destacado. Em igual medida, combateram o federalismo do po girondino disseminado, para não recuarmos n demasia no tempo, no contexto revolucionário augurado em 1789, através da postulação de uma autonomia meramente administrativa dos departamentos, municípios e cidades, sem a correspondente transformação social.

No emblemático século XIX, primeiro sob a égide do mutualismo, e logo a seguir do coleti-

vismo, não demorou para que estes revolucionários opusessem seu sistema ao dos comunistas afeitos à centralização política, ainda que provisória, por meio do Estado. Hipótese rejeitada com igual energia por Proudhon, Bakunin e Kropotkin, ainda que, principalmente no caso dos dois primeiros, os indícios contemporâneos apontassem para o inexorável estabelecimento e prestígio dos Estados nacionais. Virtude que, como vai-nos mostrar Berthier, encontra-se estreitamente relacionada com uma teoria dialética tanto mais sofisticada quanto tributária da complexidade que vai assumindo a sociedade dos “produtores” no referido contexto histórico.

Face ao federalismo, forma simultaneamente política, econômica e social, estrutura prefigurativa, já em Proudhon, da futura sociedade socialista, nem os avatares da democracia republicana, como o sufrágio universal, permaneceriam como formas válidas de representação. Diante desta nova organização, na qual era possível enxergar nos meios, os fins pretendidos, pouco ou nada se aproveitaria da velha ordem de privilégios. No lugar do governo, “a organização industrial” liderada pelo povo, pelos produtores...

Não por casualidade, Berthier, a nosso juízo com muita pertinência, destina grande parte de seu texto a Proudhon, reconhecido por Bakunin

como “grande mestre”, talvez o maior intérprete das experiências do proletariado francês de seu tempo. Disseca sua teoria colocando-a, em especial, no que há de mais proppositivo à disposição do leitor neófito da temática libertária. Ainda que reconheça a profundidade e a irredutibilidade do pensamento do filósofo de Besançon a sentenças objetivas e simplistas, Berthier é muito bem sucedido em explicá-lo, desafiando na forma o mestre, sem alterar-lhe o conteúdo. Performance, por si só, já digna dos mais copiosos elogios.

Por outra parte, apesar de reconhecer em Proudhon o pioneirismo, o texto não transforma Bakunin e Kropotkin em meros continuadores, repetidores contumazes de um dogma, mas, muito diversamente, aqueles que assimilaram o espírito da obra, seu sentido mais amplo, depurado, inclusive, de alguns atavismos temporais. Em Kropotkin, o federalismo assumiria, segundo Berthier, a feição de “uma união de associações sem laços permanentes”, muito mais ditada pela necessidade que inspirada propriamente em um sistema. Posição, aliás, que aproxima Bakunin de Proudhon, afastando-os de Kropotkin. É ainda com base neste autor que nas linhas *Do Federalismo* é possível encontrar algumas das relações do federalismo primevo com as iniciativas concretas das coletivizações na Espanha revolucionária de 1936. Uma ori-

tação cujo teor pode ser resumido na idéia geral de uma “utopia comunitária”.

Entretanto, apesar de as teses kropotkinianas postularem inequivocamente uma imanência local, ao atribuírem ao núcleo produtor e de convívio potencialidades suficientes para sediar as primeiras experiências rumo à efetiva emancipação, confirmando também neste caso as teses de Proudhon e Bakunin, no que se refere ao organismo central da transformação e seu mais claro agente, o povo trabalhador. Berthier encontra motivos para um contraste. No caso de Bakunin, e existem muitas razões de ordem conjuntural que robustecem tal hipótese, o aspecto local da ação revolucionária, embora fundamental, era insuficiente para a consecução dos objetivos mais imediatos. Era preciso inaugurar um outro projeto de organização operária, oposto em tudo, na forma e no conteúdo, ao modelo político burguês. Tal empreitada, derivada em grande medida das necessidades locais, assumiria como primordial desafio a interlocução com suas similares, formadas em idêntica condição, no caso de uma sistemática e avassaladora dinâmica revolucionária.

Por ignorar, ou por ser de fato hostil à configuração política do Estado burguês de seu tempo, e de tudo mais que derivasse do mesmo, Bakunin foi muitas vezes acusado por Marx e Engels de inca-

pacidade política. Entendiam incapacidade onde, na realidade, existia rejeição. Uma oposição sistemática que, não apenas no Congresso de Basileia, em 1869, resultou em estado permanente de beligerância entre as duas tradições: a centralista-comunista e a federalista-coletivista. Foi igualmente por este motivo, e a história do sindicalismo revolucionário registra inúmeras evidências neste sentido, que as organizações operárias, principalmente após a derrota da Comuna de Paris, acabariam por incorporar aos seus estatutos e deliberações congressuais, itens explicitamente tributários do coletivismo, e mesmo do mutualismo revolucionário. Na França, o sindicalismo revolucionário nasceu sob a égide da neutralidade política, muitas vezes manifestamente antiparlamentar.

Insistindo na lógica segundo a qual “a necessidade une e as preferências políticas podem separar” e que ainda, segundo Berthier, “só um muito pequeno número de indivíduos deixa-se determinar pela idéia abstrata e pura”, Bakunin apresenta seu materialismo de forma simples e direta. Forma aliás compartilhada por muitos dos seus condiscípulos que receberam dentro da Internacional lições militantes fundamentais. Para estes, tornou-se conveniente buscar, antes do mais, dentro do ambiente de trabalho, o mais familiar à classe operária, os exemplos e suportes discursivos para criar o

léxico revolucionário. Sua mais clara aplicação, em favor do convencimento.

E é nessa condição, a de um operariado auto-determinado e entregue às suas próprias ações, que Bakunin, novamente devedor de Proudhon, reforça a política de massas dentro da grande Internacional. Sem combater as seções centrais, entendendo-as necessárias à articulação política de suas filiadas, coloca em marcha a organização das “minorias revolucionárias” que, como muito bem alude Berthier, encontra-se lastreada pela perspectiva de autonomia já presente na obra *Da Capacidade Política da Classes Operárias*, de Proudhon. As minorias desempenhariam dentro das seções uma função análoga àquela das unidades centrais, em proporção algo semelhante, mas distintas na natureza e conformação, ao promoverem a coesão a partir da elaboração de programas definidos e unificados. Daí o destacado papel organizativo da Aliança Internacional para a Democracia Socialista.

Não bastasse já pelo seu caráter de síntese fundamental, desenvolvido com extrema competência e denodada consistência teórica, o texto de Berthier não apenas possibilita uma revisão de teses essenciais do anarquismo, como ainda, e para maior valor da obra, contextualiza historicamente todos os seus juízos e interpretações. Estende para o século XX, contemplando inclusive o fenômeno

do bolchevismo, um debate que não perdeu sua pertinência, apesar de decorridas muitas décadas. Comprova a plasticidade de muitas das premissas libertárias, tanto mais no confronto com as suas antagônicas centralistas, e a validade das mesmas, não como fórmulas reveladas, mas a resultante de um acúmulo contínuo das experiências dos setores oprimidos na luta contra o capital. E reside aí também uma outra idéia-força deste livro, ao retomar com sensibilidade, em mais de uma oportunidade, o núcleo comum entre o mutualismo, o coletivismo e o anarco-comunismo, no qual o protagonismo pertence apenas ao povo que, por suas próprias ações, para escândalo das teorias enclausurantes e empertigadas, terá sempre a última palavra na cena da história.

DO FEDERALISMO

René Berthier

DO FEDERALISMO

René Berthier

A HERANÇA DE PROUDHON: O FEDERALISMO

O federalismo é aos olhos de Proudhon um sistema de organização funcional e racional cujo objetivo é evitar os inconvenientes da centralização política e aqueles da atomização: ele não parte de pressupostos ideológicos, mas cola na realidade da existência das populações organizadas. A sociedade é um conjunto vivo, complexo e movente. As contradições que a atravessam são a condição de sua existência: “distinguir-se, definir-se, é existir; do mesmo modo que confundir-se e absorver-se, é perder-se”.¹

Proudhon opõe-se ferozmente à noção de Estado unitário e de indivisão do político. Ao contrário de Marx, ele não defende o projeto de centrali-

¹ *De la Capacité Politique des Classes Ouvrières.*

zação política iniciado pela monarquia francesa e continuado pelo jacobinismo. Pensa, ao contrário, que lá onde “a massa de um todo domina as partes, lá também se encontra o immobilismo, o atraso”.² Ele estima que cada grupamento constituído, possuindo um mínimo de coerência e coesão, deve ser senhor em seu domínio.

Cada grupo ou variedade de população, cada raça, cada língua é senhora de seu território. Cada cidade, garantida por seus vizinhos, é rainha no círculo formado por sua influência.³

Nos Estados unitários, a sociedade é “destituída de toda espécie de garantia, política e econômica”. Todavia, pode-se objetar que os Estados federalistas existentes – Suíça e Estados Unidos – não oferecem maior garantia. É que nesses regimes a sociedade só beneficia de garantias políticas.

Nem na Suíça, nem nos Estados Unidos, encontramos a mutualidade organizada: ora, sem uma série de instituições mutualistas, sem direito econômico, a forma política permanece impotente.⁴

² Novas observações sobre a unidade italiana, publicadas no tomo XVI das *Oeuvres Complètes*, ed. Lacroix, (Les majorats littéraires), p. 232.

³ *De la Capacité Politique des Classes Ouvrières*.

⁴ *De la Capacité Politique des Classes Ouvrières*, Rivière, p. 207.

Proudhon proclama como “base do direito federativo e de toda ordem política, o direito econômico”. Bakunin dirá as coisas mais claramente ainda: enquanto a propriedade dos meios de produção permanecer privada, nenhum regime político poderá assegurar a emancipação do proletariado.

Não se trata, contudo, de uma atomização do poder consecutivo de uma coexistência de grupamentos autônomos, pois a coesão do conjunto é assegurada, juridicamente, pela

promessa que se fazem uns aos outros os diversos grupos soberanos: 1º de governar-se eles próprios mutuamente e de tratar com seus vizinhos segundo certos princípios; 2º de proteger-se contra o inimigo externo e a tirania interna; 3º de concertar-se no interesse de suas explorações e de suas empresas respectivas, bem como prestar-se assistência em seus infortúnios.⁵

Não se trata, por consequência, de negar a necessidade de um governo, mas de pôr em prática um sistema no qual “o centro político está em toda a parte, a circunferência em lugar algum”: o governo é então “encarregado de zelar pela execução do pacto e pela melhoria da coisa comum”.

⁵ *De la Capacité Politique des Classes Ouvrières*.

Assim, transportado para a esfera política, o que denominamos até o presente momento mutualismo ou garantismo, assume o nome de *federalismo*. Em uma simples sinonímia é-nos dada a Revolução inteira, política e econômica.⁶

O sistema federativo é “o oposto da hierarquia ou centralização administrativa e governamental”.⁷ Como modo de organização, ele é a resposta anarquista ao Estado centralizado dos comunistas. Ele é a resposta ao estatismo e, desse modo, constitui a espinha dorsal da concepção libertária da organização. E na medida em que a organização das forças que devem abater o Estado constitui o modelo da sociedade que deve substituir-se a ele, o federalismo é simultaneamente a forma da associação dos produtores hoje e aquela que ela assumirá amanhã. A sociedade econômica de hoje contém em si mesmas o princípio de sua organização futura.

O anarquismo não é, portanto, uma simples crítica do Estado como órgão de repressão a serviço da burguesia ou como açambarcamento da força coletiva da sociedade. Ele é esse movimento

⁶ De la Capacité Politique des Classes Ouvrières.

⁷ Du Principe Fédératif, éd. Lacroix, t. VIII, p. 47.

que entende restituir à sociedade dos produtores o poder social do qual foram espoliados. Compreende-se, pois, que a problemática do anarquismo não é a tomada do poder político por uma elite substituindo-se às antigas elites, mas a restituição aos produtores de seu poder social. “O que colocamos no lugar do governo, nós o dissemos, é a organização industrial”, diz Proudhon em *Idée Générale de la Révolution au XIXe siècle*.⁸

Em 1848, Proudhon opõe-se a Louis Blanc que deseja fazer do Estado o servidor da democracia. O Estado e seu poder centralizado são antinônicos da auto-organização da sociedade.

É nesse período que ele formula uma crítica da democracia: o sufrágio universal teria por consequência o fracasso da revolução social. A democracia representativa desapossa o povo de sua soberania; um governo eleito pelo sufrágio universal cria uma pseudo-representação do povo, exterior a ele: “A democracia, assim como a monarquia, é apenas uma simbologia da soberania”, diz Proudhon em *Solução do Problema Social*.

A solução do problema social não se coloca em termos políticos, mas econômicos, ou melhor, socioeconômicos. A soberania do povo só pode resultar de uma reorganização das relações sociais

⁸ Edition Lacroix, p. 259

que destruiria a apropriação das forças coletivas. Trata-se de pôr em prática a “organização das forças econômicas”, segundo a expressão que ele emprega em *Da Capacidade Política das Classes Operárias*. O princípio de organização necessária à aplicação desse projeto é o federalismo, que mantém o pluralismo dos centros de produção cuja autonomia, limitada à sua esfera de intervenção, está associada pelo pacto federativo em um conjunto organizado. É a democracia aplicada a um conjunto da organização econômica. Essa estruturação industrial e agrícola será duplicada de uma organização idêntica ao nível das localidades. O conjunto é controlado por uma “autoridade federal” que é a condição do funcionamento do conjunto.

Não se trata em nenhum caso de uma dispersão em que cada centro de decisão seria independente e autárquico, mas, ao contrário, de um sistema integrado de gestão cujos “fluxos” não proviriam mais do centro para espalhar-se na periferia, como no sistema estatista, mas iriam da periferia ao centro.

Convém, no entanto, situar as posições de Proudhon no contexto. Em 1850, o que ele dizia revestia um caráter autenticamente revolucionário. Teremos a oportunidade de mostrar que as reivindicações pelas quais os anarquistas, ou o movimento operário em geral, combatiam foram em

parte freqüentemente realizados desde esse momento. Assim, quando Proudhon diz que

a comuna tem o direito de governar-se a si mesma, administrar-se, impor-se taxas, dispor de suas propriedades e de suas rendas...,”⁹

a coisa parece banal hoje, e devemos constatar que se as comunas francesas hoje realizam em grande parte essas operações, a emancipação dos trabalhadores não foi, contudo, realizada. Melhor ainda, a própria tendência do Estado capitalista de hoje é de descentralizar as funções que lhe cabiam até aqui.

Devemos também reinterpretar uma reivindicação tal como a autonomia das comunas em matéria de educação. Na época, tratava-se de retirar o monopólio da instrução da Igreja. Não estamos seguros de que hoje a autonomia total das comunas sobre essa questão seja um progresso. A questão mereceria, em todo o caso, ser debatida.

De um modo geral, a idéia de Proudhon era que a descentralização dos centros de poder constitui um obstáculo ao poder opressivo do Estado. Aqui, ainda, é necessário reinterpretar. Em 1850, o Estado era essencialmente um instrumento de

⁹ *De la Capacité Politique des Classes Ouvrières*, Rivière, p. 286.

repressão; ele não estava investido da função da gestão do social. A noção de “serviço público” não existia.

O conceito de federalismo nasceu, de fato, do debate sobre a democracia direta em meados do século XIX. Considerava-se, então, que o fracasso da revolução de 1848 devia-se à traição do povo por seus eleitos. Era necessário, portanto, encontrar um remédio radical; o povo deverá, no futuro, fazer ele próprio suas leis e controlar ele mesmo sua execução. Em suma, suprimem-se os intermediários entre a decisão e a execução.

Proudhon sempre disse que o povo devia gerir ele próprio seus próprios interesses, sem intermediários nem mandatários, mas o campo de aplicação dessa ação direta era então limitado à economia, à produção e à troca. Ora, a democracia direta aplicada no campo político significa uma mobilização permanente que paralisa toda atividade. Eis por que o sufrágio universal permanente não lhe parece ser um bom meio de governo:

O voto universal é a expressão parcelar dos cidadãos, uma soma, não um pensamento coletivo, a resultante sintética dos elementos populares. O escrutínio não dá senão um eco morto.¹⁰

¹⁰ Carnet 8, p. 275.

Essa distinção entre “soma” e “pensamento coletivo” é essencial para compreender Proudhon. A democracia política, fundada no sufrágio universal, conclama os eleitores a exprimirem-se em intervalos regulares separados por vários anos. O sufrágio exprime, pois, em um dado momento, a “soma” dos pontos de vista dos eleitores que, entre duas eleições, permanecem totalmente passivos. Não existe “pensamento coletivo”.

Em outros termos, a democracia direta e permanente generalizada ao conjunto da sociedade seria apenas um ludíbrio. Proudhon propõe, então, um sistema que fará com que o povo viva

sem governo e sem votos. O único meio é a criação de garantias econômicas [e a] completa independência administrativa das comunas, cantões, departamentos. Em resumo, centralização de todas as forças econômicas; descentralização de todas as funções políticas.¹¹

A idéia poderá surpreender muitos, e particularmente no movimento anarquista. Entretanto, Proudhon não é o único a defendê-la.

Quando Bakunin examina, por exemplo, o sistema federal suíço – e ele consagra inúmeras pá-

¹¹ Carnet 8, p. 276.

ginas a esse tema – constata que os progressos realizados desde 1848 são, no campo federal, sobre tudo progressos de ordem econômica: unificação das moedas, dos pesos e medidas, os grandes trabalhos públicos, os tratados de comércio etc. E ele comenta:

Dir-se-á que a centralização econômica só pode ser obtida pela centralização política, que uma implica a outra, que elas são necessárias e benfazejas ambas no mesmo grau. Absolutamente não... A centralização econômica, condição essencial da civilização, cria a liberdade; mas a centralização política mata-a, destruindo em proveito dos governos e das classes governantes a própria vida e a ação espontânea das populações.¹²

Surpreendente tomada de posição, pensar-se-á. A idéia é, contudo, simples: a tomada de decisão, que concerne ao político, deve fazer-se de maneira descentralizada em todos os escalões do corpo social. Isso pressupõe, evidentemente, que os elementos de informação necessários para tomar as decisões sejam conhecidos e debatidos.

Proudhon não está, no entanto, satisfeito. Tem a impressão de que falta algo em seu sistema.

¹² *Oeuvres*, ed. Champ Libre, V, p. 61.

Tenho vontade de escrever uma brochura em resposta a esses senhores que se ornam com minhas plumas.¹³

Observar-se-á, de passagem, que o inimigo da propriedade está muito preocupado em reivindicar o que lhe cabe em matéria de propriedade intelectual.

O que lhe impede de responder é que ele tem a consciência de que sua própria resposta é insuficiente, não muito bem elaborada. E, por sinal, que a democracia seja ou não direta, a adição dos votos individuais imporá à minoria o ponto de vista da maioria, será sempre a “síntese governamental: a democracia direta permanece uma expressão, talvez a mais hipócrita, da idéia governamental”.

A análise prudhoniana do sistema representativo é impossível de ser resumida pois é extremamente complexa. Ela é em particular fundada na idéia de revogabilidade dos representantes. Sua crítica deve ser inscrita no contexto: ele foi testemunha da aplicação do sistema que conduziu à eleição do futuro Napoleão III. Entretanto, o exame da obra de Proudhon mostra que ele é mais crítico em relação às modalidades de aplicação do sufrágio universal do que o é em relação ao próprio

¹³ *Carnet* 9, p. 20.

princípio. O próprio Bakunin não se opõe ao princípio do sufrágio universal:

Quer dizer que nós, socialistas revolucionários,¹⁴ nós não desejaríamos o sufrágio universal, e que lhe preferiríamos o sufrágio restrito ou o despotismo de um único? Absolutamente não! O que afirmamos é que o sufrágio universal, considerado isoladamente e agindo numa sociedade fundada na desigualdade econômica e social, nunca será para o povo senão um ludibrio; que, por parte dos democratas burgueses, ele nunca será outra coisa que uma odiosa mentira, o instrumento mais seguro para consolidar, com uma aparência de liberalismo e justiça, em detrimento dos interesses e da liberdade populares, a eterna dominação das classes exploradoras e possuidoras.¹⁵

Assim, não se poderia concluir da crítica bakuniana do sistema representativo a apologia do “vazio” político, do “nada” e de uma espontaneidade transcendental a partir dos quais as “massas” descobririam de maneira imanente formas políticas novas e radicalmente diferentes. A crítica ba-

¹⁴ Observar-se-á que Bakunin não se qualifica de “anarquista”.

¹⁵ “A situação política na França”, (Carta a Palix), Lyon, 29 de setembro de 1870-início de outubro de 1870.

kuniniana da democracia representativa não é uma crítica de princípio da democracia (e de suas técnicas aproximadamente imutáveis) mas uma crítica do contexto capitalista no qual ela é aplicada.

O ponto de vista dos fundadores do “anarquismo” não poderia, pois, limitar-se às opiniões redutoras que dele fizeram inúmeros anarquistas depois deles.

A unidade

Proudhon dá-se conta da necessidade de realizar a unidade da sociedade, e por isso rejeita a atomização que produziria a democracia direta generalizada. Se substituirmos a adição dos votos individuais pela adição dos votos de estruturas autônomas que seriam as comunas, as oficinas etc., nada de fundamental seria mudado: essas estruturas autônomas comportar-se-iam como individualidades parcelares, e, somadas umas às outras, não constituiriam uma comunidade. A “unidade parlamentar e administrativa” tanto quanto o sistema “de eleições e legislações diretas” são igualmente insatisfatórias: é preciso, diz Proudhon, encontrar

uma teoria mais elevada, um conceito mais englobador, que deverá integrar o indivíduo e o

grupo, resolver a contradição de um e do múltiplo.

“É pavoroso o que provoca de questões o governo direto!”,¹⁶ diz ele. Opõe-se à falsa unidade do centralismo bem como à atomização da autonomia integral. Essa contradição será resolvida pelo federalismo, que permite a coesão do sistema sem autoridade: “o federalismo é a forma política da humanidade”.¹⁷ Não é pelo aspecto centrífugo do federalismo, isto é, pelo aspecto que insiste sobre as autonomias das estruturas e base, que Proudhon está antes de tudo interessado, mas pela forma de organização que assegura a unidade sem a coação de um conjunto, e que pode resumir-se nisso: “Os contratantes reservam-se sempre uma parte de soberania e ação maior do que aquela que eles abandonam”.¹⁸ Há, como vemos, *uma certa forma* de abandono da soberania no federalismo, isto é, no anarquismo, contrariamente às idéias adquiridas.

Correndo o risco de surpreender, pode-se dizer que Proudhon¹⁹ é um dos inventores do “prin-

cípio de subsidiariedade” que foi retomado pela Igreja católica, mas em um espírito completamente diferente. Esse princípio parte da idéia de que uma iniciativa no domínio público deve ser assumida pela mais ínfima entidade concernida pelo problema e capaz de resolvê-lo. Quando o problema excede a capacidade dessa entidade, ou o campo de intervenção natural dessa entidade, a questão é transferida ao escalão superior. A subsidiariedade pode ser descendente ou ascendente. Descendente, é o escalão superior que decide quanto aos negócios que devem ser atribuídos ao escalão inferior. Esse princípio, assim aplicado, não exclui uma real centralização. É o que faz o governo francês descarregando-se de um certo número de funções em proveito das regiões ou dos departamentos. Ascendente, é o escalão inferior que decide. O federalismo proudhoniano inscreve-se totalmente na idéia de subsidiariedade ascendente.

Em resumo, o federalismo é um modo de organização no qual cada instância constitutiva do organograma é autônoma no que diz respeito às questões que a concernem diretamente, e que delega, por intermédio de um ou vários representantes designados, uma parcela de sua soberania nas instâncias superiores do organograma para as questões que ultrapassam seu próprio campo de inter-

¹⁶ *Carnet 8*, p. 343.

¹⁷ *Justice*, II, pp. 287-288. Essa idéia será também largamente desenvolvida por Piotr Kropotkin.

¹⁸ *Du Principe Fédératif*, p. 324.

¹⁹ Com John Locke e John Stuart Mill.

venção. Não há, portanto, nem captação de todo o poder pelo cume (centralismo), nem atomização do poder (autonomismo). Esse ponto estará no centro do debate que oporá as duas tendências da primeira Internacional, os “autoritários” (centralistas) e os “antiautoritários” (federalistas).

Por sinal, a visão prudhoniana, bem como aquelas de Bakunin e de Kropotkin, inscreve-se em um âmbito geral realizando o princípio de mutualidade, isto é, de democracia econômica no qual os meios de produção estão coletiva e solidariamente nas mãos dos produtores associados.

A autoridade

É a partir da análise do fenômeno da força coletiva que Proudhon funda seu estudo sobre o poder. Ele distingue entre força de produção, que concerne ao domínio da economia, e força de organização, que diz respeito ao político. Bakunin, mais tarde, fará a mesma distinção. Proudhon chega à idéia de que “o poder é imanente à sociedade como a atração na matéria, como a Justiça no coração do homem”.²⁰ A existência do poder é uma realidade tão incontornável quanto aquela das

forças de produção, e ela é inclusive necessária à sua regulação. Em verdade, não é esse o problema.

O poder, com efeito, não é antagônico à liberdade, são, ao contrário, duas faces complementares do homem social. A liberdade do indivíduo cresce por sua existência social. O indivíduo só tem sentido na sociedade. Não se pode, pois, suprimir um desses dois pólos complementares, não se pode sacrificar o indivíduo ao grupo nem o grupo ao indivíduo. Essa constatação é uma resposta por antecipação às teorias individualistas que se desenvolverão mais tarde, de maneira muito marginal, contudo, no movimento anarquista.

O mesmo vale para as relações dos grupos constituídos na sociedade, cujas relações seguem as mesmas regras. Esses grupos podem viver em relações conflituais, mas a tensão é a própria vida, ela é uma componente da existência da sociedade, e não pode ser suprimida sem que a sociedade seja suprimida. A autonomia dos grupos está intimamente ligada à solidariedade que une os grupos entre si. Em outros termos, a unidade não é a supressão das diversidades, das autonomias, ela é a harmonia das diversidades.

Essa unidade implica um poder, sob uma forma ou outra. Proudhon não condena indistintamente a autoridade, ele busca descobrir uma forma de autoridade que seja racional e eficaz. É o

²⁰Justice, II, p. 258.

federalismo que será o fundamento da verdadeira unidade. A unidade da sociedade atual é uma falsa unidade:

... vós que não podeis concebê-la senão com uma junta de legisladores, prefeitos, procuradores-gerais, alfanfegários, policiais! O que denominais unidade e centralização não é outra coisa que o caos eterno, servindo de base a uma arbitrariedade sem fim...²¹

A célula a partir da qual se constrói a sociedade federativa é dupla: a oficina e a comuna. Proudhon concebe a sociedade como um reagrupamento de oficinas em associações, depois um reagrupamento das associações em ramos de produção. Todavia, mais tarde, ele projetará esse mesmo processo a partir de estruturas geográficas, as comunas, que seguiriam o mesmo processo. Por sinal, as próprias comunas não são percebidas senão como uma federação de oficinas... A noção-chave permanece, contudo, aquela de autonomia, isto é, a capacidade de dar-se a si mesmo suas próprias leis, e o reconhecimento mútuo da autonomia dos outros grupos. Não se trata, portanto, de encerrar-se no particularismo, que acabaria por destruir a autonomia. “Com meu sistema, o Cen-

tro está em toda a parte, a circunferência em lugar algum. É a Unidade.”²² Esta idéia é recorrente em Proudhon.

Falando da liberdade e da autoridade, Proudhon escreve:

... esses dois princípios formam, por assim dizer, um par, cujos dois termos indissoluvelmente ligados um ao outro, são no entanto irredutíveis um ao outro, e permanecem, o que quer que façamos, em luta perpétua. (...) Suprimi um dos dois, o outro não tem mais sentido: a Autoridade, sem uma liberdade que discute, resiste ou submete-se, é uma vã palavra; a Liberdade, sem uma Autoridade que lhe faça contrapeso, é um contra-senso.²³

Assim, a “anarquia” não é uma negação pura da autoridade, ela é a instauração de uma forma de autoridade que não é imposta de fora a grupos ou indivíduos passivos, mas que é controlada e auto-organizada pelas forças sociais. Já não se trata, a bem da verdade, de governo mas de organização, federação, que permite garantir simultaneamente a autonomia dos contratantes e a socialização das forças de produção.

²² *Carnets*, III, p. 236.

²³ *Du Principe Fédératif*, p. 271.

²¹ *Idée Générale de la Révolution au XIX^e siècle*, p. 202.

ESSE NÃO

KROPOTKIN E O FEDERALISMO

Se o princípio sobre o qual se funda a visão kropotkiniana em matéria de organização é o federalismo, não encontramos nele, contrariamente a Bakunin, longos desenvolvimentos quanto à necessidade para os revolucionários de organizarem-se ou quanto à maneira como a classe operária deve organizar-se.

Sua concepção da organização e do comunismo conduziu-o a ver a organização dos trabalhadores como um conjunto constituído de elementos autônomos, dotados de uma vontade própria, independente. Para Kropotkin, o comunismo devia naturalmente decorrer do capitalismo e, curiosamente, sua atitude é, em relação a esse ponto, muito próxima de alguns social-democratas alemães de sua época que viam no comunismo um desenvolvimento inelutável do capitalismo. Em certas tendências do capitalismo a rejeitar a intervenção do Estado e favorecer as iniciativas privadas, ele verá as premissas do comunismo quando eram apenas modalidades pelas quais o capitalismo reforçava-se.

Segundo Kropotkin, a história da humanidade é percorrida de maneira imanente por duas tendências antagônicas, uma que leva os homens ao

açambarcamento do poder e à exploração econômica de seus semelhantes: estes são os partidários da centralização de toda forma de organização, quer se trate do Estado ou de organizações cujo campo de intervenção é mais limitado. A outra tendência imanente é aquela que leva os homens a federar suas atividades porque eles experimentam a necessidade de cooperar entre si. A forma federativa de organização é a forma natural que adotam os homens em toda forma de atividade social, que garante simultaneamente um máximo de autonomia dos grupos na atividade exercida e na coordenação da atividade de conjunto. O centralismo concerne portanto ao domínio do poder e do Estado enquanto o federalismo concerne à atividade social, produtiva. Lá se encontraria o fundamento da oposição entre comunistas e anarquistas, os primeiros tendendo a constituir-se em contra-Estado enquanto os segundos tendem a constituir-se em contra-sociedade.

Através toda a história de nossa civilização, duas tradições, duas tendências opostas, encontraram-se frente a frente: a tradição romana e a tradição popular; a tradição imperial e a tradição federalista; a tradição autoritária e a tradição libertária.²⁴

²⁴ *O Estado e seu Papel Histórico.*

Mais adiante no texto, Kropotkin acrescenta:

O europeu do século XII era essencialmente federalista. Homem de livre iniciativa, de livre entendimento, de uniões desejadas e livremente consentidas, ele via em si mesmo o ponto de partida de toda sociedade. Não buscava sua salvação na obediência; não pedia um salvador da sociedade. A idéia de disciplina cristã e romana era-lhe desconhecida.²⁵

É com essa grade de leitura que ele interpreta a oposição entre Bakunin e Marx na Internacional:

O conflito entre os marxistas e os bakunistas não foi um caso pessoal. Foi o conflito necessário entre os princípios de federalismo e os princípios de centralização, entre a Comuna livre e o governo paternal do Estado, entre a ação livre das massas populares caminhando para sua liberação e seu aperfeiçoamento legal do capitalismo em vigor.²⁶

A Federação jurassiana teria desempenhado importante papel no desenvolvimento do socialismo graças à “importância das idéias antigoverna-

²⁵ *O Estado e seu Papel Histórico.*

²⁶ *Em Torno de uma Vida.*

mentais e federalistas das quais ela era a campeã". O federalismo é, pois, assimilado à livre iniciativa e funda-se em uniões livremente consentidas, sem maiores precisões. Tal descrição poderia perfeitamente aplicar-se ao sistema feudal: o vassalo pode muito bem ser livremente conduzido a estabelecer um "livre entendimento" com seu suserano. Evidentemente, não é isso que Kropotkin tem em mente, mas o modelo idílico das comunas da Idade Média que foi, segundo ele, um período de conflito entre "o espírito federalista, o espírito de iniciativa e de livre entendimento" e "o espírito de disciplina, de organização piramidal, autoritário". Nesse conflito,

a vitória do Estado sobre as comunas da Idade Média e as instituições federalistas da época não foi contudo imediata.²⁷

A abordagem do revolucionário russo relativa às comunas da Idade Média não está errada, mas ela é redutora pelos critérios de análise que traz em sua descrição. Influenciado pela teoria do apoio mútuo, da cooperação no interior das espécies como fator de evolução, que ele desenvolveu para opor-se aos darwinistas sociais, ele afasta em demasia os fatores que contribuíram ao declínio das

²⁷ *O Estado e seu Papel Histórico.*

comunas. Em relação a isso, será necessário fazer uma crítica "marxista" do fenômeno das comunas da Idade Média; ver-se-á que nesse ponto, assim como em muitos outros, Bakunin desenvolveu pontos de vista que constituem um modelo de concepção materialista da história, muito mais próximo de Marx.

Um princípio oposto ao Estado

O federalismo é apresentado antes de tudo como um princípio oposto ao Estado, ao governo e à centralização – ponto de vista que se situa perfeitamente na linha das análises de Proudhon. É também um sistema de organização que parece ter existência própria em Kropotkin: os operários que aderiam à A.I.T. "eram, além do mais, federalistas em princípio"; mas as precisões sobre as modalidades de organização restam mais ou menos vagas:

... cada nação, cada região separada e até mesmo cada seção local permanecia livre para desenvolver-se segundo seus próprios princípios.

O acento é colocado sistematicamente no aspecto "centrífugo" do federalismo, isto é, na autonomia das estruturas de base, não no aspecto "or-

ganização global". Ora, o "organograma" do sistema federalista comporta *simultaneamente* uma "base" e um "cume", um "centro" e uma "periferia" – sua originalidade residindo na *maneira* como os fluxos (decisões e informações) circulam; ora, Kropotkin permanece sempre muito evasivo quanto ao papel do "cume". Sabemos simplesmente que na A.I.T.,

... cada nação, cada região separada e até mesmo cada seção local permanecia livre para desenvolver-se segundo seus próprios princípios.

Quanto ao funcionamento concreto, talvez Kropotkin creia dar uma descrição na maneira como, segundo ele,

a Associação Internacional dos Trabalhadores inaugura um novo método para resolver os problemas de sociologia prática, conclamando os próprios operários a tomar parte na solução. Os homens instruídos que haviam aderido à Associação, encarregavam-se apenas de manter os operários a par do que ocorria nos diferentes países do mundo, analisar os resultados obtidos, e, mais tarde, ajudar os operários a formular suas reivindicações. Não tínhamos a pretensão de fazer emanar de nossas opiniões teóricas um ideal de república, uma sociedade "tal como deveria ser", mas convidamos os operários a buscarem as causas dos males atuais, e a consi-

derarem em suas discussões e seus congressos os lados práticos de uma organização social melhor do que aquela que temos atualmente.²⁸

Eis, sem dúvida, o que Kropotkin fornece de mais preciso em matéria de explicação quanto à função do cume do organograma federalista. Isso assemelha-se a uma escola popular com alguns intelectuais como professores, mas professores "anti-autoritários". Em nenhum momento ele fala de estruturas de base que dão mandato a estruturas intermediárias nas quais se debatem problemas levados a serem abordados no cume da pirâmide.

Segundo Kropotkin, uma questão apresentada em um congresso internacional

era recomendada como tema de estudo a todas as associações operárias. No transcurso do ano, ela era discutida em toda a Europa, nas pequenas assembléias das seções, com o pleno conhecimento das necessidades locais de cada corporação e de cada localidade; depois, o resultado desse trabalho das seções era apresentado no congresso seguinte de cada federação e enfim submetido sob uma forma mais estudada no próximo congresso internacional.²⁹

²⁸ *Em Torno de uma Vida.*

²⁹ *Em Torno de uma Vida.*

Lendo esta explicação, temos a impressão de que os congressos não faziam nada além de responder a questões apresentadas, com dois congressos de prazo: 1º congresso – Apresenta-se uma questão; 2º congresso – Relatório das discussões nas seções; 3º congresso – A questão é submetida “sob uma forma mais estudada” no congresso seguinte. E sem dúvida podemos supor que uma decisão é então tomada. Em suma, não se deve ter pressa, nem tomar decisões urgentes.

Tendo em vista a importância da obra de Kropotkin, as indicações que ele dá sobre o federalismo parecem surpreendentemente sumárias. Em uma amostragem significativa de suas obras,³⁰ as palavras “federalismo”, “federal” ocorrem bem poucas vezes. É surpreendente, em particular, que esses termos não figurem em *A Comuna de Paris*; *A Ação anarquista na revolução*; *A Anarquia, sua Filosofia, seu Ideal*; *Comunismo e Anarquia*, que são textos de vulgarização das idéias anarquistas.

Em *Em Torno de uma Vida*, Kropotkin apresenta uma antecipação do que seria uma socie-

³⁰ Em *Torno de uma Vida*; *Aos jovens*; *Campos, Fábricas e Oficinas*; *Comunismo e Anarquia*; *O Estado e seu Papel Histórico*; *Fatalidade da Revolução*; *A Grande Revolução*; *A ação anarquista na revolução*; *A Anarquia, sua Filosofia, seu Ideal*; *O Espírito de Revolta*; *A Organização da Vindicta*; *A Comuna de Paris*; *A Conquista do Pão*; *A Guerra*; *A Lei e a Autoridade*; *A Moral Anarquista*; *A Revolução será coletivista?*; *O Princípio Anarquista*; *O Salariato*; *A Ciência Moderna e a Anarquia*.

dade liberada da Autoridade e da Exploração e esboça esquematicamente o que pensa ser uma organização federalista.

Essa sociedade será composta de uma multidão de associações, unidas entre si para tudo o que reclamar um esforço comum: federações de produtores para todos os gêneros de produção, agrícola, industrial, intelectual, artística, comunas para o consumo, encarregando-se de prover de tudo o que concerne a moradia, a iluminação, o aquecimento, a alimentação, as instituições sanitárias etc.; federações das comunas entre si, e federações das comunas com os grupos de produção; enfim, grupos ainda mais extensos, englobando todo um país ou, inclusive, vários países, e compostos de pessoas que trabalharão em comum para a satisfação dessas necessidades econômicas, entelectuais e artísticas, que não são limitadas a um determinado território.

Todos esses grupos combinarão livremente seus esforços por um entendimento recíproco, como o já fazem atualmente as companhias ferroviárias e as administrações dos correios de diferentes países, que não têm direção central das ferrovias ou dos correios, embora as primeiras só busquem seu interesse egoísta e as últimas pertençam a Estados diferentes e inimigos; ou, melhor ainda, como os meteorologistas, os clu-

bes alpinos, as estações de salvamento na Inglaterra, os ciclistas, os professores etc., que unem seus esforços para a realização de obras de todos os tipos, de ordem intelectual, ou de simples entretenimento. Uma liberdade completa presidirá o desenvolvimento de novas formas de produção, invenção e organização; a iniciativa individual será encorajada e toda tendência à uniformidade e à centralização combatida.

Além do mais, essa sociedade não se cristalizará em formas determinadas e imutáveis, mas ela modificar-se-á incessantemente, pois será um organismo vivo, sempre em evolução. Não se sentirá necessidade de um governo porque o acordo e a associação livremente consentidos substituirão todas as funções que os governos consideram atualmente como as suas e que, as causas desses conflitos tornando-se mais raras, esses próprios conflitos, no caso em que ainda possam produzir-se, serão regulados pela arbitragem.³¹

Kropotkin, de fato, descreve menos um sistema federativo do que uma espécie de união de associações sem laço permanente entre si, fazendo-se e desfazendo-se ao sabor das circunstâncias.

³¹ Em *Tomo de uma Vida*.

É difícil imaginar a organização de uma rede ferroviária eficaz (isto é, em particular pontual) sem uma extrema centralização. O mesmo raciocínio vale sem dúvida para outros setores concernindo aos serviços públicos. A organização de uma rede ferroviária extensa não concerne a associações locais que se “federam” mas a uma política global na qual os cidadãos deveriam poder exprimir escolhas, notadamente quando, por exemplo, serviços locais são suprimidos. De um ponto de vista libertário, a questão dos serviços públicos – conceito inexistente na época de Proudhon, Bakunin e Kropotkin – coloca-se simultaneamente em termos de orientação e organização. A “autogestão” da saúde pública, das ferrovias, do correio etc., empresa por empresa não é concebível senão para os problemas ligados à organização do trabalho em cada estabelecimento. É, por sinal, perfeitamente conforme ao espírito do federalismo.

Mas a orientação global da política de saúde, transportes etc., diz respeito a um debate que concerne ao conjunto da comunidade. Uma reivindicação completamente simples, perfeitamente “reformista” e que não modificaria de modo algum a natureza do sistema atual mas que poderia ter um impacto real sobre as orientações gerais dos serviços públicos seria introduzir nos conselhos de administração representantes das associações de

consumidores em pé de igualdade, e com um poder efetivo. Essa reivindicação inscrever-se-ia perfeitamente no espírito do “reformismo radical” de Proudhon.

Proudhon e Bakunin possuíam um realismo político do qual Kropotkin parece desprovido. Ambos preconizam a descentralização política e a centralização econômica. Isso significa simplesmente que as escolhas políticas, as escolhas relativas às orientações que deviam ser tomadas concenrando aos problemas globais deviam fazer-se por um debate começando na parte de baixo do organograma, nas estruturas de base, depois nos escalões intermediários para alcançar em seguida o cume sob forma de síntese: é em suma um debate democrático. Uma vez feitas as escolhas, sua colocação em prática em uma sociedade industrial desenvolvida podia necessitar de uma certa centralização, não da decisão, mas da *colocação em aplicação*. Ninguém se queixará do “autoritarismo” de uma administração ferroviária, ou dos correios, que faz com que os trens cheguem com pontualidade e que o correio seja imediatamente distribuído. Em um sistema federativo libertário, o *controle dos mandatos* reduz os riscos de substituição de poder pelos mandatados.

A pressuposta metodologia de Kropotkin

Kropotkin estende sua pressuposta metodologia concernente ao método experimental no próprio desenrolar da revolução: ela também será experimental. Manifestar-se-á “sob aspectos variados: Unitário aqui, federalista ali, em toda parte mais ou menos socialista. Nada de uniforme,”³² Kropotkin não parece ter extraído as lições do fim da Primeira Internacional, e exclui a eventualidade que abordagens diferentes da revolução possa conduzir a oposições irreconciliáveis. Colocar o problema da aplicação do projeto revolucionário em termos de livre experimentação introduz inevitavelmente a questão de sua colocação em concorrência e reintroduz no processo revolucionário a oposição que ele descreve na história europeia desde a Idade Média entre “o espírito federalista” e “o espírito de disciplina” – oposição que terminou pela vitória do Estado...

A questão da “livre experimentação” fora introduzida pelo movimento libertário espanhol, fortemente influenciado pelas teses de Kropotkin às vésperas da guerra civil, em detrimento do rea-

³² A Conquista do Pão. Kropotkin retoma a frase quase tal qual em “A revolução será coletivista?” (1913): “Unitário aqui, ali federalista, em toda parte mais ou menos socialista. Nada de uniforme”.

lismo proudhoniano e bakuniniano. Essa influência manifestava-se em particular pela ofensiva da F.A.I. para assumir a direção da C.N.T. O congresso confederal de Saragoça, em 1936, marca o triunfo dessa corrente, marcado pelo desconhecimento dos mecanismos da sociedade e pelo desprezo da realidade política e social. O congresso desenvolve, em seu relatório final, o “conceito confederal de comunismo libertário”.³³ Esse texto é constituído sobre o modelo dos planos de organização da sociedade futura que pululam na literatura socialista do século XIX e nos textos dos teóricos da corrente anarco-comunista de inspiração kropotkiniana: ele poderia ter sido escrito em qualquer época, pois é atemporal. É um texto que é da mesma cepa de *A Conquista do Pão* de Kropotkin, que seu próprio autor qualificava de “utopia comunitária”.

A essas utopias comunitárias opunham-se as posições de outros militantes da C.N.T., notadamente a de Santillan, que declarava:

Visões do passado, sonhos de Arcádias e comunas livres ainda têm uma influência sobre a mentalidade de certos camaradas. Mas a Arcádia é o passado: as condições do futuro são completamente diferentes. As concepções

econômicas que têm por eixo o âmbito local foram relegadas, ou deveriam ser-lo, lá onde ainda não é o caso, no museu das velharias.

Infelizmente, Santillan, que condena o localismo e a “livre experimentação” no terreno econômico, justifica-a no terreno político:

Se o socialismo fosse efetivamente científico, seria essa uma razão a mais para ser favorável à livre experimentação, pois é a única neira de demonstrar sua viabilidade.

Sabemos o que a livre experimentação stalinista gerou na Espanha, onde os carregamentos de armas seletivos apenas aos comunistas permitiu a destruição das coletividades agrárias libertárias pelas colunas comunistas de Lister.

³³ *El Congresso Confederal de Saragossa*, Ediciones CNT, 1951.

esse sim

RETORNO A BAKUNIN: PROLETARIADO E ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA

O principal inimigo do proletariado é a exploração burguesa: o Estado, com todo o seu poder repressivo, sob qualquer forma que ele exista, precisa Bakunin, nada mais é hoje do que a consequência ao mesmo tempo que a garantia dessa exploração. Eis por que o proletariado deve buscar “todos os elementos de sua força exclusivamente em si mesmo”; deve organizá-lo completamente fora da burguesia, contra ela e contra o Estado”.

Segundo Bakunin, há uma ligação direta e necessária entre o objetivo e os meios empregados para alcançá-lo, o que implica uma reflexão aprofundada sobre as formas e a natureza do objetivo. Marx havia declarado que ele não visava dar a receita da marmita da revolução. Em relação a este ponto, Bakunin tem perfeitamente consciência de divergir de Marx e dos social-democratas. A diferença de procedimento é perfeitamente expressida por Bakunin quando ele escreve que

um programa político só tem valor quando, saindo das generalidades vagas, determina bem precisamente as instituições que ele propõe no

lugar daquelas que ele quer derrubar ou reformar.³⁴

Proletariado e organização

As formas de ação e organização preconizadas então pelos marxistas alemães são, aos olhos de Bakunin, simplesmente adequadas aos objetivos perseguidos; a constituição de um Estado nacional alemão republicano e “pretensamente popular”. Para tanto, eles são obrigados a aliar-se à burguesia avançada, como o fizeram os grupos das seções da Internacional de Zurique, que adotaram o programa dos democratas socialistas da Alemanha e que se tornaram “instrumentos do radicalismo burguês”.

Em *Escrito contra Marx*, Bakunin cita o caso de um certo Ambergny, um advogado pertencente ao Partido radical e à A.I.T., que, em 1872, teria garantido publicamente “diante de seus concidadãos burgueses, em nome da Internacional, que não haveria absolutamente greve do decorrer daquele ano”. James Guillaume conta que Ambergny, candidato ao Grande Conselho, obtivera do comitê cantonal da A.I.T. que ele fizesse votar em seu favor os operários eleitores. Os operários da

³⁴ Escrito contra Marx, *Oeuvres*, Champ Libre, III.

construção civil pensavam naquele momento fazer greve porque seus patrões haviam reduzido seus salários. A Federação jurassiana havia protestado contra essa negociação. Kropotkin, que naquele momento encontrava-se em Genebra, escreveu:³⁵

Foi o próprio Utin quem me fez compreender que uma greve naquele momento seria desastrosa para a eleição do advogado M. A.

Não é, portanto, sem algumas justificações que na mesma época Bakunin escreveu uma longa carta “Aos companheiros da Federação Jurassiana” na qual dizia que

todas as vezes que associações operárias aliam-se à política dos burgueses, é sempre para tornar-se, de bom ou mau grado, seu instrumento.³⁶

A estratégia preconizada pela social-democracia alemã – a ação parlamentar – conduz inevitavelmente à conclusão de alianças, de um

novo pacto político entre a burguesia radical ou forçada a fazer-se tal, e a minoria *inteligente*, res-

³⁵ Em *Torno de uma Vida*, Stock, p. 286.

³⁶ “Aux Compagnons de la Fédération des Sections Internationales du Jura”, fevereiro-março de 1872, *Oeuvres*, III, p. 74.

peitável, isto é, devidamente aburguesada, do proletariado das cidades.³⁷

A idéia geral de Bakunin é que a organização dos trabalhadores, em sua forma, não é constituída sobre o modelo das organizações da sociedade burguesa, mas fundada sobre a base das necessidades internas da luta operária e, como tal, constitui uma prefiguração da sociedade socialista. O modo de organização do proletariado é imposto pelas formas particulares da luta dos trabalhadores em seu local de exploração; a unidade de base da organização dos trabalhadores situa-se lá onde estes são explorados, na empresa. A partir daí, ela amplia-se horizontalmente (ou geograficamente, se preferirem), por localidades e por regiões, e ela cresce verticalmente por setor de indústria. Essa visão das coisas devia evidentemente fornecer a Marx e a Engels a ocasião de múltiplos sarcasmos contra Bakunin, acusado de ser indiferente em matéria política, porquanto a atividade do proletariado situava-se, assim, totalmente fora de toda perspectiva parlamentar, esta última sendo considerada como a única forma de ação política projetada. Engels, no entanto, havia perfeitamente compre-

³⁷ Carta ao jornal *La Liberté* de Bruxelas, 1-8 de outubro de 1872, *Oeuvres*, III, p. 161.

endido o fundamento do pensamento de Bakunin, para além das deformações da polêmica: ele escreve, com efeito, a Théodore Cuno:

Como a Internacional de Bakunin não deve ser feita para a luta política, mas para poder, na liquidação social, substituir imediatamente a antiga organização do Estado, ela deve aproximar-se o máximo possível do ideal bakunista da sociedade futura.³⁸

Engels resume, de fato, perfeitamente o ponto de vista de Bakunin e do que se tornara á mais tarde o anarco-sindicalismo. Se pusermos de lado o amálgama habitual segundo o qual a oposição de Bakunin à ação parlamentar é assimilável a uma oposição de princípio à luta política, Engels não diz nesse excerto senão o seguinte:

– a organização dos trabalhadores deve ser constituída segundo um modo o mais próximo possível daquele da sociedade que a classe operária porta em si;

– a organização de classe dos trabalhadores, que é seu instrumento de combate sob o capitalismo, constitui igualmente o modelo da organização da sociedade após a derrubada da burguesia.

³⁸ Carta a Th. Cuno, 24 de janeiro de 1872.

Esse é o sentido da expressão “destruição do Estado”: a destruição do Estado nada mais é a substituição da organização de classe da burguesia – o Estado – por aquela do proletariado.

Essa organização de classe reagrupa os indivíduos como trabalhadores, no local de trabalho, de um lado, e em uma estrutura interprofissional, do outro. Essa dupla estruturação, vertical e horizontal, desenvolve-se sobre um modelo federativo até ao nível nacional e internacional.

Em suma, a organização de classe dos trabalhadores, que é o instrumento de luta sob o capitalismo, constitui o modelo de organização política da sociedade após a revolução. Esta é uma idéia de base do bakuninismo e, mais tarde, do anarcosindicalismo quando a estrutura horizontal, geográfica (as Bolsas do Trabalho) fundirem com a estrutura profissional (os sindicatos). Esse procedimento é unanimemente rejeitado por todos os teóricos marxistas, à exceção notável de Pannekoek, que retomou essa idéia várias vezes em seus escritos:

A luta de classe revolucionária do proletariado contra a burguesia e seus órgãos sendo inseparável do controle dos trabalhadores sobre o aparelho de produção, e de sua extensão

ao produto social, a forma de organização unindo a classe em sua luta constitui simultaneamente a forma de organização do novo processo de produção.³⁹

Segundo Bakunin, é por meio da luta cotidiana que o proletariado constitui-se em classe, e por isso o modo de organização dos trabalhadores deve conformar-se a essa necessidade. Marx, de seu lado, preconiza a constituição de partidos políticos nacionais tendo por objetivo a conquista do parlamento. É aqui, diz o revolucionário russo, que nós nos separamos completamente dos social-democratas da Alemanha:

Os objetivos que nós nos propomos sendo tão diferentes, a organização que recomendamos às massas operárias deve diferir essencialmente da deles.⁴⁰

Essa idéia não é uma invenção de Bakunin, pois a citação data de 1872 e encontramo-la em um curto texto de César De Paepe datando de 1869, intitulado significativamente “Les institutions actuelles de l’Internationale au point de vue

³⁹ Anton Pannekoek, *Les Conseils Ouvriers*, EDI, p. 273.

⁴⁰ “Aux Compagnons de la Fédération des Sections Internationales du Jura”, fevereiro-março de 1872, *Oeuvres*, III, p. 74.

de leur avenir".⁴¹ O militante belga parte da idéia segundo a qual as instituições que o proletariado constitui-se sob o capitalismo prefiguram as instituições do futuro:

Queremos mostrar que a Internacional já oferece o tipo da sociedade futura, e que suas diversas instituições, com as modificações desejadas, fornecerão a ordem social futura.

Lembramos de que se os Internacionalistas belgas opuseram-se à Aliança, eles haviam, contudo, exprimido seu apoio ao programa dela. Havia, pois, uma real proximidade de opiniões entre eles e os bakuninistas, cujo denominador comum era incontestavelmente Proudhon.

Assim, a seção, que é, como vimos, uma estrutura interprofissional, implantada em uma localidade, reagrupa

os operários de todos os ofícios sem distinção. Lá devem ser tratados os interesses que concernem a todos os trabalhadores, qualquer que seja sua profissão.

A seção, diz De Paepe, "é o tipo da comuna." É o que Bakunin chama de "seção central".

⁴¹ Citado em Bakounine, *Oeuvres*, ed. Lebovici, tomo III, apêndice III, pp. 255-256. Conferir *Le Progrès* do Locle, nº 9 de 1º de março de 1869, o artigo "L'Internationale et ses institutions de l'avenir".

O Conselho federal reagrupa o que De Paepe chama de "sociedades de resistência", que Bakunin denomina "seções de ofício", e que são, de fato, sindicatos: elas agrupam em torno delas os operários de um mesmo ofício: hoje elas ensinam-lhes a

discutir seus interesses, calcular o preço de venda e o preço de custo para embasar sobre isso suas pretensões, a sociedade de resistência é destinada a organizar o trabalho no futuro.

As sociedades de resistência transformar-se-ão em oficinas cooperativas, diz De Paepe.

O militante belga passa em revista o conjunto das instituições que a classe operária criou: as sociedades cooperativas de consumo substituirão o comércio atual; as caixas de socorro mútuo e de previdência tornar-se-ão sociedades de seguro universal. As relações entre os países serão asseguradas por um Conselho geral internacional: fim dos diplomatas, fim das guerras.

Visto que só se é um homem completo quando se é trabalhador e douto ao mesmo tempo, os trabalhadores reunidos no congresso de Bruxelas reivindicaram a instrução integral que compreende simultaneamente a ciência e a aprendizagem dos ofícios – idéia que Bakunin retomará em um texto de *L'Égalité* intitulado *A Instrução Integral*.

Segundo De Paepe, as seções serão religadas em federações, por bacias, depois por países. As federações compreenderão um agrupamento por seções, mas também por corpo de ofício, como existe para as comunas. Assim, o trabalho poderá ser organizado no seio das comunas e no seio do país inteiro.

Creamos agora ter mostrado que a Internacional encerra em germe, em seu seio, todas as instituições do futuro. Que em cada comuna, estabeleça-se uma seção da Internacional, e a nova sociedade será formada e a antiga desmoronará com um sopro.

De Paepe não faz nada além de definir a noção de abolição do Estado. Bakunin sustenta exatamente a mesma linguagem de De Paepe: a questão de saber se um copiou o outro não tem sentido. O anarquismo de Bakunin, fundado nas idéias federalistas de Proudhon, emanou diretamente da observação que ele pôde fazer da atividade dos operários suíços durante o período em que ele residia no país. Todavia, mais amplamente, as idéias que os dois homens desenvolvem na organização do proletariado como prefiguração da organização da sociedade emancipada estavam simplesmente no ar do tempo.

De uma certa maneira, é Lênin que dará razão a Bakunin e a César De Paepe. Sabemos que, na origem, os bolcheviques opunham-se às estruturas "naturais" do proletariado que eram os conselhos operários, constituídos em período de combate. Eles inclusive acusaram estes últimos de terem a mesma função do partido e os obrigaram a dissolver-se durante a revolução de 1905. O comitê do partido de Petrogrado lançou, com efeito, o seguinte ultimato aos conselhos:

O conselho dos deputados e operários não poderia existir na qualidade de organização política, e os social-democratas deveriam retirar-se deles visto que ele prejudica, por seu conteúdo, o desenvolvimento do movimento social-democrata.

Os bolcheviques acabarão, apesar de tudo, por compreender o papel que esses organismos podem desempenhar, a tal ponto que suas palavras de ordem depois da chegada de Lênin na Rússia os farão passar, junto aos militantes operários europeus, por anarquistas. As teses de abril de Lênin impõem ao partido uma política totalmente oposta àquela que ele desenvolvia até aquele momento; dourante, trata-se de armamento do proletariado, de todo o poder aos sovietes, e antiparlamentarismo.

Os partidários mais próximos de Lênin não crêem no que ouvem. Goldberg, velho colaborador e amigo de Lênin, ex-membro do comitê central, exclama quando este último enuncia suas teses:

O lugar deixado vago pelo grande anarquista Bakunin é de novo ocupado. O que acabamos de ouvir constitui a negação formal da doutrina social-democrata e de toda a teoria do marxismo científico. É a apologia mais evidente que se possa fazer do anarquismo.⁴²

Lênin compreendera que a estrutura organizacional motriz era aquela em que a população estava em contato direto com os problemas da luta – sovietes, conselhos de fábrica. Se o partido houvesse seguido uma política marxiana ortodoxa, os bolcheviques não teriam sido senão a ala radical da esquerda parlamentar russa: Kamenev não declarou que a posição de Lênin era inaceitável “porque ela supunha que a revolução democrática burguesa estava terminada e contava com sua transformação imediata em revolução socialista”?

A 9^a das 21 condições de admissão na Internacional socialista, alguns anos depois, constitui uma vez mais um reconhecimento de fato das concep-

ções bakuninianas. Ela estipula que todo partido comunista deve constituir nas organizações de massa da classe operária células que, “por um trabalho consciente e obstinado, devem conquistar os sindicatos para a causa comunista”. O sistema das células de empresa foi instaurado na França nos anos 1924-1925, no momento da “bolchevização” do partido. Até aquele momento, a unidade de base da organização do partido era a seção, implantada na comuna, âmbito da ação eleitoral. No partido bolchevizado, é a empresa, terreno onde afrontam-se as “duas classes fundamentais” da sociedade capitalista.

A fábrica é o centro nervoso da sociedade moderna, é o próprio foco da luta de classes. Por isso a fábrica deve ser para ti, comunista, o centro de teus esforços, de tua atividade de comunista.⁴³

Pierre Sémard, no V Congresso, em Lille, declara:

A seção estava um pouco longe do patronato, um pouco longe do capitalismo, mas a célula está muito muito mais próxima.

⁴² Citado por David Shub, *Lénine, Idées*, Gallimard, p. 173.

⁴³ *Au nouvel adhérent*, prefácio de Jacques Duclos, p. 5.

Se o estabelecimento das células de empresa como “força de base da organização do partido” visa eliminar o eleitoralismo emanado da II Internacional e da ala marxiana da A.I.T., trata-se também de constituir um instrumento de luta contra o sindicalismo revolucionário, parcialmente herdeiro da ala bakuniniana da A.I.T.

No III Congresso do partido, em 1924, durante o qual foi discutida a eventualidade de criar as células, Pierre Monatte, então membro do partido, opôs-se firmemente a isso, mostrando que essa era apenas uma medida destinada a subordinar o sindicato ao partido. A partir desse momento, periodicamente, o partido deve condenar a tendência que se manifesta regularmente, entre os militantes de base, para considerar a ação sindical como prioritária:

essa prática, fundada definitivamente sobre a incompreensão do papel decisivo do partido na empresa e sobre a velha concepção, muitas vezes condenada, segundo a qual “o sindicato se basta”, é grandemente nociva.⁴⁴

Terá sido preciso esperar meados dos anos 20 para que os herdeiros de Marx compreendam esse

⁴⁴ *La Vie du Parti*, outubro de 1966, p. 3.

princípio bakuniniano elementar segundo o qual a exploração, portanto a luta dos trabalhadores, faz-se em primeiro lugar no local de trabalho, e que esse é o centro de gravidade da luta e a estrutura de base da organização operária.

Resumamos o ponto de vista de Bakunin:

1. O modo, a forma da organização dos trabalhadores são o produto da história; eles nasceram da prática e da experiência cotidianas das lutas. Todas as classes ascendentes construíram, no próprio seio do regime que as dominava, as formas de sua organização.

2. A forma organizacional própria da burguesia reagrupa os cidadãos sobre a base de uma circunscrição eleitoral; ela corresponde ao sistema de produção capitalista que não quer conhecer senão indivíduos isolados. Assim, o verdadeiro poder, que é aquele emanado do controle dos meios de produção, permanece nas mãos dos proprietários desses meios de produção.

3. A organização de classe dos trabalhadores não reagrupa cidadãos mas produtores. Qualquer que seja o nome que se dê a essa organização: sindicato, conselho operário, comitê de fábrica, a estruturação permanece aquela de uma organização de classe.

4. O princípio sobre o qual essa organização é fundada é o federalismo.

A lógica da passagem de uma sociedade de exploração a uma outra não poderia ser a mesma que aquela da passagem de uma sociedade de exploração a uma sociedade sem exploração: é uma das grandes lições que nos dá Bakunin, emanada das suas reflexões sobre a análise marxiana da Revolução francesa.⁴⁵ Todas as revoluções da história, diz Bakunin, inclusive a Grande Revolução francesa, malgrado a magnificência dos programas em nome dos quaisela realizou-se, não foram senão

a luta dessas classes entre si para a fruição exclusiva dos privilégios garantidos pelo Estado, a luta para a dominação e para a exploração das massas.⁴⁶

Para Bakunin, sendo o Estado a forma específica da organização de uma classe exploradora, a classe operária não poderia adotar a mesma lógica de passagem. Assim se explica a noção amiúde incompreendida da abolição do Estado. Não se trata

⁴⁵ Conferir René Berthier: "La Révolution française comme archétype: 1848 ou le 1789 manqué de la bourgeoisie allemande" e "La Révolution française dans la formation de la théorie révolutionnaire chez Bakounine", in *Les anarchistes et la Révolution française*, Éditions du Monde Libertaire, 1990.

⁴⁶ Escrito contra Marx, novembro-dezembro de 1872.

evidentemente de abolir toda forma de organização, mas substituir o Estado, forma específica de organização de classe da burguesia, da qual não se trata, por consequência, de fazer a "conquista", pela organização de classe dos trabalhadores. A frase de Bakunin relativa ao projeto da classe operária adquire, portanto, todo seu sentido:

da natureza de seu objetivo depende essencialmente o modo e a própria natureza de sua organização.⁴⁷

Se essa organização de classe dos trabalhadores ainda está para ser criada, ela não deve ser "inventada". Ela não é uma utopia, no sentido de criação intelectual de um sistema perfeito tal como se desejaria que fosse. Ela é deduzida das práticas reais da classe operária. Assim, a experiência concreta da classe operária cria essa organização, em formas embrionárias para começar. É a tarefa à qual se dedicou Bakunin nos últimos anos de sua vida, durante seu período "anarquista". Os desenvolvimentos de Bakunin sobre a consciência operária, sobre a organização dos trabalhadores não são uma construção *a priori*, mas o resultado de observações

⁴⁷ Conferir: "La question du programme", "Aux Compagnons de la Fédération des Sections Internationales du Jura", fevereiro-março de 1872, *Oeuvres*, III, p. 74.

que ele pôde fazer sobre o terreno durante seus inúmeros deslocamentos.

A A.I.T., à época, encontrava-se em um período extraordinário de expansão consecutiva a uma ascensão dos movimentos sociais em toda a Europa, selvagemente reprimidos, que suscitavam um real apoio internacional, e que provocavam a todo momento um crescimento das adesões. Foi a observação das lutas operárias de seu tempo que forneceu ao revolucionário russo os elementos sobre os quais ele funda sua teoria da organização dos trabalhadores. Segundo seus próprios termos, o objetivo de Bakunin, é “formular seu pensamento e expressar suas palavras”.

Ao deixar a Liga da Paz e da Liberdade, os princípios gerais do pensamento político de Bakunin já estavam definidos. Falta, contudo, o essencial: uma visão tática, estratégica e organizacional para o movimento operário. Essa ausência será preenchida pela observação que ele fará das práticas operárias de seu tempo, que ele conceituará em seus escritos.

“Seções de ofício” e “seções centrais”

Foi em Paris que Bakunin foi iniciado por Proudhon à idéia de federalismo, que constitui a espi-

nha dorsal da doutrina e das práticas organizacionais do anarquismo. Proudhon dizia que era uma nova idéia na época em que foi formulada, a tal ponto que encontramos, sob a pena de Proudhon, a palavra “federalismo” em sentidos diferentes segundo a época em que escreve. No início, com efeito, a palavra tinha um sentido pejorativo, herdado da época da Revolução francesa, e significava fragmentação, secessão. Para os jacobinos centralizadores da Revolução francesa, federalismo significava destruição da unidade e da soberania nacionais. Para eles, a soberania nacional não podia realizar-se senão pela centralização política. Para Marx, o federalismo conservará esse sentido — devemos surpreender-nos com isso? Proudhon será chamado de “federalista” por seus adversários jacobinos após o fracasso da revolução de 1848, e ele fará da injúria uma bandeira.

Bakunin foi o único dos três grandes teóricos do anarquismo a ter sido confrontado concretamente à problemática federalista, sem ter, por sinal, desempenhado ali qualquer papel inicial. Trata-se evidentemente da Associação Internacional dos Trabalhadores à qual ele aderiu alguns anos depois de sua fundação. Até aquele momento, seu conhecimento do princípio federalista era apenas teórico, por intermédio da leitura que ele havia feito de Proudhon.

A estrutura instituída pela Internacional é aquela de uma associação operária de tipo sindical. Um Conselho geral estabelece “relações entre as diferentes associações operárias de tal sorte que os operários de cada país estejam constantemente a par dos movimentos de sua classe nos outros países”. Esta frase é importante pois é em torno dela que vão rapidamente se cristalizar as divergências entre partidários de Marx e partidários de Bakunin na função do Conselho geral. Reencontrar-se-á, então, a oposição entre centralização e federalismo.

Bakunin observa as seções da Internacional na Suíça. Ele não inventa nada e contenta-se em descrever seu funcionamento, mas elaborará a partir daí uma verdadeira teoria da organização. Dos diferentes textos em que trata da questão sobressai que ele percebe a organização dos trabalhadores sob a forma de duas estruturas complementares, uma vertical e industrial, a outra horizontal de caráter iinterprofissional.

Na primeira, os operários são reunidos e organizados “não pela idéia, mas pelo fato e pelas próprias necessidades de seu trabalho idêntico”.

Este fato econômico, esse de uma indústria especial e das condições particulares da exploração dessa indústria pelo capital, a solidarie-

dade íntima e completamente particular de interesses, de necessidades, de sofrimentos, de situação e aspiração que existe entre todos os operários que fazem parte da mesma seção corporativa, tudo isso forma a base real de sua associação. A idéia vem depois, como a explicação ou como a expressão equivalente do desenvolvimento e da consciência refletida desse fato.⁴⁸

As seções de ofício seguem a via do desenvolvimento natural, elas começam pelo fato para chegar à idéia. Com efeito, diz Bakunin, só um muito pequeno número de indivíduos deixa-se determinar pela idéia abstrata e pura. A maioria, proletários bem como burgueses, não se deixam levar senão pela lógica dos fatos. Para fazer com que o proletariado interesse-se pela obra da A.I.T., é preciso aproximar-se dele não com idéias gerais mas com a “compreensão real e viva de seus males reais”.

Evidentemente, o pensador imagina esses males de cada dia sob seus aspectos gerais; ele comprehende que são os efeitos particulares de causas gerais e permanentes. Mas a massa do proletariado, que é forçada a viver o dia-a-dia, e que “mal encontra um momento de descanso para pensar no dia seguinte”, comprehende os males dos quais sofre

⁴⁸ Protestação da Aliança.

de maneira precisa e exclusiva nessa realidade, e quase nunca em sua generalidade.

Para obter a confiança, a adesão do proletariado, é preciso começar por falar-lhe “não dos males gerais do proletariado internacional como um todo, mas de seus males cotidianos”.

É preciso falar-lhe de seu próprio ofício e das condições de seu trabalho precisamente na localidade onde habita, da dureza e da demasiado grande duração de seu trabalho cotidiano, da insuficiência de seu salário, da mal-dade de seu patrão, da carestia dos víveres e de sua impossibilidade para alimentar e sustentar convenientemente sua família.⁴⁹

É preciso propor-lhe meios para melhorar sua situação, mas evitar, em um primeiro tempo, evocar os meios revolucionários. É possível, com efeito, que sob a influência de preconceitos religiosos ou políticos, ele rejeite essas idéias: é necessário, ao contrário,

propor-lhe meios tais que seu bom senso natural e sua experiência cotidiana não possam desconhecer sua utilidade, nem rejeitá-las.⁵⁰

⁴⁹ *Protestação da Aliança*.

⁵⁰ *Ibidem*.

A consciência revolucionária não é, portanto, um fato natural, ela não é espontânea, mas em Bakunin essa palavra tem um sentido particular, que provocou inúmeros mal-entendidos. Ela é adquirida gradualmente, pela experiência cotidiana; para que se torne efetiva, é necessário que o operário livre-se de seus preconceitos políticos e religiosos. Não é possível insuflar essa consciência revolucionária brutalmente: é preciso ter uma educação, que se faz pela experiência vivida e pelo contato com a coletividade dos trabalhadores organizados.

É só com o contato com os outros que o operário “neófito” aprende que a solidariedade que existe entre trabalhadores de uma seção também existe entre seções ou entre corpos de ofícios da mesma localidade, que a organização dessa solidariedade mais ampla, e

abarcando indiferentemente os operários de todos os ofícios, tornou-se necessária porque os patrões de todos os ofícios entendem-se entre si...⁵¹

A prática da solidariedade constitui o primeiro passo rumo à consciência de classe; estabelecido esse princípio, todo o resto segue como um desenvolvimento natural e necessário, emanado da

⁵¹ *Ibidem*.

experiência viva e trágica de uma luta que se torna a cada dia mais ampla, mais profunda, mais terrível.

Quiseram apresentar a ruptura entre bakunianos e marxistas na A.I.T. como a expressão de um conflito de pessoas ou como a expressão de uma diversidade dos níveis de consciência na classe operária: os trabalhadores alemães e ingleses, os mais conscientes, estando com Marx, os outros com Bakunin.

Também aludiram ao grau de concentração do capital: os operários da grande indústria com Marx, os operários das pequenas empresas artesanais com Bakunin. Na realidade, não se trata de saber quem está com quem, mas de determinar quais são as frações da classe operária que podem esperar uma melhoria de sua condição pela ação parlamentar, e aquelas que nada têm a esperar dessa ação. Os desenvolvimentos teóricos, organizacionais e estratégicos de tal ou qual pensador, definitivamente, só fazem acrescentar a essas situações reais.

Compreendemos, contudo, que Bakunin tivesse podido escrever que pela experiência trágica da luta,

o operário menos instruído, o menos preparado, o mais gentil, levado cada vez mais pelas

próprias consequências dessa luta, acaba por reconhecer-se revolucionário, anarquista e ateu, sem amíúde saber como se transformou.⁵²

Aos olhos de Bakunin, só as seções de ofício — deve-se entender como a estrutura implantada no local de trabalho mais do que um agrupamento corporativista no sentido estrito — são capazes de dar uma educação prática a seus membros. Só elas podem fazer da A.I.T. uma organização de massa, “sem o concurso poderoso da qual o triunfo da revolução social jamais será possível”.

As seções centrais, em contrapartida, não representam qualquer indústria particular “porquanto os operários mais avançados de todas as indústrias possíveis encontram-se ali reunidos”. São, em linguagem atual, estruturas interprofissionais, que representam a própria idéia da Internacional. Sua missão é desenvolver essa idéia e dela fazer propaganda: a emancipação não apenas dos trabalhadores de tal indústria ou de tal país, mas de todos os países. São centros ativos onde se “conserva, concentra-se, desenvolve-se e explica-se a nova fé”. Não se ingressa ali como operário especial de tal ofício, mas como trabalhador em geral.

⁵² Protestação da Aliança.

Ao contrário das seções de ofício, que partem do fato para chegar à idéia, as seções centrais, segundo a via do desenvolvimento abstrato, começam pela idéia para chegar ao fato. É, reconhece Bakunin, um método idêntico àquele do qual se servem os idealistas e cuja "impotência final foi constatada pela história". Eis por que se só houvesse as seções centrais, a A.I.T. não teria se desenvolvido em uma força real⁵³. As seções centrais teriam sido só "academias operárias" onde se debateriam eternamente todas as questões sociais, "mas sem a mínima possibilidade de realização".

Se só existissem as seções centrais, elas talvez tivessem conseguido formar "conspirações populares", elas teriam, talvez, reagrupado um pequeno número de operários os mais conscientes e convictos, mas a massa dos trabalhadores teria permanecido fora delas; ora, para derrubar a ordem política e social de hoje, diz Bakunin, "é preciso o concurso desses milhões".

O papel da seção central é um papel eminentemente político. Implantada na localidade em bases geográficas, ela reúne os trabalhadores sem consideração de profissão a fim de dar às seções de ofício uma visão e perspectivas que ultrapassam o

⁵³ Bakunin não o formula explicitamente, mas se só houvesse seções centrais, a A.I.T. seria simplesmente um partido político.

âmbito estreito da empresa. Ela permite, em primeiro lugar, ao conjunto dos trabalhadores de uma localidade, ser informados de suas respectivas situações e, eventualmente, organizar o apoio em caso de necessidade. Ela também é um lugar onde, naturalmente, opera-se a reflexão. Ela é, enfim, o centro a partir do qual faz-se a impulsão para a organização.

Historicamente, as seções centrais são a emanacão do grupo principal que se formou em Londres, diz Bakunin. Foram elas que permitiram à A.I.T. desenvolver-se, indo buscar as massas onde elas se encontram, "na realidade cotidiana, e essa realidade é o trabalho cotidiano, especializado e dividido em corpos de ofícios". Os fundadores das seções centrais deviam dirigir-se aos trabalhadores já organizados mais ou menos pelas necessidades do trabalho coletivo em cada indústria particular, a fim de criar em torno deles "tantas seções de ofício quanto havia de indústrias diferentes". Foi assim que as seções centrais que representam em toda a parte a alma ou o espírito da A.I.T. tornaram-se organizações reais e poderosas.

A seção central, e por extensão a organização geral das seções centrais no plano internacional, é, portanto, a estrutura que dá à organização operária seu sentido profundo, oferecendo perspectivas ampliadas aos trabalhadores que a ela aderem. É

ela que define e constitui o proletariado em classe afirmando e praticando o princípio da solidariedade de interesses dos trabalhadores.

A seção de ofício é aquela que unifica os trabalhadores segundo o princípio da matéria, enquanto a seção central unifica-os segundo o princípio do conhecimento.

Bakunin afirma uma correspondência entre esses dois processos, entre essas duas instâncias organizacionais, e é sua síntese que constitui a organização de classe nas formas que lhe permitirão constituir um substituto à organização estatista. Enquanto na sociedade burguesa as estruturas verticais (produtivas) e horizontais (decisionais, políticas) são separadas, o que significa necessariamente a subordinação das segundas às primeiras; enquanto no comunismo de Estado elas estão totalmente fundidas e concentradas, implicando a subordinação das partes ao centro, Bakunin projeta essas estruturas em uma complementaridade — o federalismo — onde cada nível é autônomo no âmbito de suas atribuições e onde existem contrapesos ao açambarcamento do poder pelo centro (porquanto o princípio de autonomia retira do centro a *matéria* sobre a qual a autoridade pode exercer-se), e garantias contra os movimentos centrífugos pela afirmação do princípio da solidariedade das partes ao todo. Assim se encontra definido o

“anarquismo”, mais exatamente o “socialismo revolucionário”⁵⁴ ao qual se refere Bakunin.

Bakunin observa que muitos pensam que uma vez sua missão cumprida — a criação de uma poderosa organização — as seções centrais deveriam dissolver-se, deixando apenas seções de ofício. É um grave erro, diz ele, pois a tarefa da A.I.T. “não é apenas uma obra econômica ou simplesmente material, é ao mesmo tempo e ao mesmo grau uma obra eminentemente política”.⁵⁵

Em outros termos, Bakunin não limita a organização de massa dos trabalhadores a uma simples função da luta econômica: retirando da A.I.T. suas seções centrais, retirar-se-ia da organização o local onde se pode fazer uma elaboração política, uma reflexão indispensável dos trabalhadores sobre as finalidades de sua ação. Unificando em um primeiro momento os trabalhadores na base de seus interesses imediatos, a organização de classe também é o local onde se elabora e onde se implementa a política que conduzirá à sua emancipação. Pode-se ainda acusar Bakunin de indiferentismo político⁵⁶?

⁵⁴ Evidentemente, não deve ser confundido com o movimento de mesmo nome surgido na Rússia.

⁵⁵ *Protestação da Aliança*.

⁵⁶ “Indiferentismo”: neologismo inventado por Bakunin em *O Império Cnuto-germânico* para designar a indiferença em relação a uma crença ou uma doutrina. A maioria dos textos de Bakunin foi

Bakunin expôs seu ponto de vista de maneira extremamente clara em artigos que eram publicados na imprensa operária da época. Suas posições nunca foram refutadas de maneira argumentada por Marx. Só a polêmica respondeu a elas. Entretanto, o exilado londrino havia perfeitamente compreendido do que se tratava. Recordemos sua carta a Lafargue, de 19 de abril de 1870, na qual ele trata o revolucionário russo de "asno", e resume a idéia de Bakunin declarando que o papel da classe operária "limita-se a organizar-se em sindicatos. Um belo dia, com a ajuda da Internacional, eles suplantarão todos os Estados existentes". É um resumo muito sumário, é verdade, mas perfeitamente exato do pensamento de Bakunin.

As minorias revolucionárias

Bakunin é amplamente devedor de Proudhon em relação à sua sociologia das classes sociais. Na véspera da constituição da Internacional, Proudhon redige, de certa forma, seu testamento político na *Capacidade Política das Classes Operárias*. É uma surpreendente exposição da situação do movi-

escrita em francês, e neles encontramos algumas invenções saborosas.

mento operário da época. Ele expõe as condições para que o proletariado possa alcançar a capacidade política e conclui que naquele momento nem todas as condições foram preenchidas:

1. A classe operária chegou à consciência de si mesma "do ponto de vista de suas relações com a sociedade e com o Estado", diz ele; "como ser coletivo, moral e livre, ela distingue-se da classe burguesa".
2. Ela possui uma "idéia", uma noção "de sua própria constituição", ela conhece "as leis, condições e fórmulas de suas existência".
3. Mas Proudhon interroga-se para saber se "a classe operária está em medida de deduzir, para a organização da sociedade, conclusões práticas que lhe sejam próprias". Ele responde negativamente: a classe operária ainda não está em medida de criar a organização que permita sua emancipação.

A ação do proletariado é determinada pelas condições de seu desenvolvimento real. As formas e a estratégia da luta dependem desse desenvolvimento real, das relações que existem entre a classe operária e as outras classes.

Bakunin, de seu lado, analisa a emergência do movimento operário em uma dialética em três movimentos:

1. O proletariado chega à consciência de classe com “a compreensão real e viva de seus males reais”⁵⁷;

2. Ele educa-se pela ação organizada contra o capital “que convence todos os operários da maneira mais arrebatadora e direta da necessidade de uma organização rigorosa para alcançar a vitória”;

3. Pela liberdade do debate político na organização e pela experiência das lutas, o proletariado construirá então “sua unidade real, econômica de início, e em seguida necessariamente política”⁵⁸

A classe operária, pensa Bakunin, ainda não alcançou um estágio suficiente de maturidade para dispensar uma minoria revolucionária. O proletariado é fracionado pelas diferentes línguas, culturas e graus de maturidade, pelos preconceitos políticos e religiosos. A A.I.T. é o instrumento insubstituível para unificá-lo, e por isso Bakunin opõe-se ao estabelecimento de um programa político obrigatório na organização. Ele pensa que a experiência das lutas e a prática da solidariedade criará naturalmente essa unidade. Enquanto isso, essa parte mais consciente do proletariado e dos intelectuais que reagruparam seu combate deve organizar-se para acelerar esse processo de unificação.

⁵⁷ Protestação da Aliança.

⁵⁸ Escrito contra Marx.

Não se pode cometer erro maior do que pedir, seja a uma coisa, seja a uma instituição, seja a um homem, mais do que podem dar. Exigindo deles mais, eles são desencorajados, impedidos, mortos.

A Internacional, em pouco tempo, produziu grandes resultados. Ela organizou e organizará a cada dia de maneira ainda mais formidável, o proletariado para a luta econômica. Isso é motivo para esperar que se possa servir-se dela como de um instrumento para a luta política?⁵⁹

No vocabulário de Bakunin, a luta política é a luta eleitoral. Ele pensa que é preciso a qualquer preço preservar a A.I.T. dessa tentação, o que não significa de modo algum que a Internacional deva desinteressar-se pela política, ao contrário.

Os princípios gerais desenvolvidos por Bakunin são, contudo, em parte, contraditos pelo que ele diz sobre as capacidades efetivas da A.I.T. em matéria de ação revolucionária *naquele momento*. A A.I.T. deu aos trabalhadores um começo de organização fora das fronteiras dos Estados e fora do mundo burguês. Ela contém, além do mais, “os primeiros germes da organização da unidade futura”. Todavia, pensa Bakunin, ela ainda não é uma instituição suficiente para organizar e dirigir a revolu-

⁵⁹ Écrit contre Marx, Champ Libre, III, p. 183.

ção. “A Internacional prepara os elementos da organização revolucionária, mas ela não a realiza”.⁶⁰ Ela organiza a luta pública e legal dos trabalhadores. Faz a propaganda teórica das idéias socialistas. A A.I.T. é um meio favorável e necessário à organização da revolução, “mas ela ainda não é essa organização”. Ela reagrupa todos os trabalhadores sem distinção de opinião, de religião, sob a condição de que eles aceitem o princípio da solidariedade dos trabalhadores contra os exploradores. Em si mesma, essa condição basta para operar a separação radical das classes que preconizava Proudhon, mas é insuficiente para dar ao proletariado uma orientação revolucionária.

As reservas formuladas por Bakunin sobre a capacidade da A.I.T. de conduzir sozinha o proletariado à revolução social alimentarão um debate: é uma situação circunstancial ligada à insuficiente experiência histórica da classe operária da época, ou é uma situação intrínseca a esse tipo de organização?

Uma organização reagrupando uma minoria revolucionária estruturada é indispensável.

Essa constatação tendo sido feita, uma questão permanece presente: aquela do modo de organização dos militantes revolucionários e de suas

⁶⁰ “Irmãos da Aliança na Espanha”, 12-13 de junho de 1872.

relações com a organização de massa. É evidente que deve existir, *em algum lugar*, uma organização dos revolucionários. Segundo Bakunin, essa organização tem meno por papel assumir o controle da organização de massa do que incitá-la a desenvolver sua lógica interna que é abraçar a sociedade inteira. Lembremos que em 1870, *a forma dessa organização ainda estava para ser descoberta; talvez ainda esteja*. Não se deve, pois, analisar essa questão de maneira anacrônica, projetando sobre o contexto da época os dados emanados da experiência histórica do século seguinte.

Essa organização, é a Aliança internacional para a democracia socialista, fundada em 1868, no último dia do segundo congresso da Liga da Paz e da Liberdade, organização de democratas burgueses a qual Bakunin acabara de abandonar. Foi então que ele escreveu a Marx essa carta (22 de dezembro de 1868) na qual ele diz: “Eu sou seu discípulo e estou orgulhoso de sê-lo”. Ele reconhece ter-se engajado na luta de classes com vinte anos de atraso em relação a Marx. É verdade, Bakunin é também motivado pela necessidade de amaciá-lo para fazer com que se admita a Aliança como tal na Internacional — mas Marx não é ingênuo. Não se pode, contudo, duvidar da sinceridade com a qual Bakunin admitia o papel capital desempenhado por Marx. Malgrado as profundas divergências

cias que opunham os dois homens, o revolucionário russo sempre escolheu o critério de classe quando se apresentava uma importante escolha nos debates políticos opondo as diferentes correntes da A.I.T. Bakunin não subestimava a importância de suas divergências com Marx, mas ele escolheu retardar o máximo possível o momento em que ele seria forçado a expô-las publicamente.

Um dos documentos nos quais Bakunin expõe o mais claramente possível a função da Aliança é uma carta a um espanhol — devemos surpreender-nos com isso? — Tomás González Morago, um dos três fundadores da Internacional em Madri, com Lorenzo e Mora. A Aliança, escreve em 21 de maio de 1872, é o “complemento necessário da Internacional”. Uma e outra têm o mesmo objetivo, mas perseguem objetos diferentes. A Internacional tem por missão “reunir as massas operárias, os milhões de trabalhadores, em meio às diferenças dos ofícios e dos países, para além das fronteiras de todos os Estados, em um único corpo imenso e compacto”; a Aliança, quanto a ela, “tem por missão dar a essas massas uma direção⁶¹ de fato revolucionária”.

⁶¹ Sob a pena de Bakunin, é preciso sem dúvida entender o termo “direção” no sentido de “orientação”, mas o revolucionário russo não caía na fobia das direções, no sentido de “chefes”, como o fará o movimento anarquista posteriormente.

⁵⁸ Escrito contra Ivinha.

Os programas de uma e de outra, sem ser de modo algum opostos, são diferentes pelo próprio grau de seu desenvolvimento respectivo. Aquele da internacional, se o levarmos a sério, contém em germe, mas apenas em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última daquele da Internacional.

Estaríamos tentados a ver aí o modelo social-democrata de divisão de trabalho entre luta política assegurada pelo partido e luta econômica assegurada pelo sindicato. Bakunin volta uma vez mais, nessa carta, à idéia segundo a qual a A.I.T. não deve impor doutrina: se os fundadores da Internacional tivessem-no feito, eles teriam “fundado uma associação minúscula, uma seita, não o campo fortificado do proletariado do mundo inteiro contra as classes dominantes e exploradoras”.⁶² Formalmente, tem-se, portanto, o mesmo tipo de relação. Há, contudo, uma diferença fundamental: de início, essa divisão do trabalho não tem vocação a perdurar. O objetivo da social-democracia é a conquista do poder político pelo

⁶² “... impõe o programa da Aliança à Internacional, e a Internacional não contará mais em seu seio, em toda a Europa, senão dois ou três mil membros”, diz ainda Bakunin em sua carta.

partido⁶³ ao mesmo tempo conservando essa divisão do trabalho; na óptica dos militantes da Aliança, o objetivo é a conquista do poder social pela organização de classe.

A carta a Morago apresenta um real interesse porque ela é endereçada a um militante de confiança, um membro da Aliança, e Bakunin nela exprime-se sem reservas. Essa carta foi escrita alguns meses antes de sua exclusão da Internacional. Evidentemente, o revolucionário russo está a par do que estão tramando em Londres contra ele e seus amigos. Tem-se a impressão de que a incrível insistência com a qual ele martela a necessidade de manter a unidade fundamental da Internacional, na base das necessidades práticas, é motivada pela consciência que ele tem de que essa unidade vai ser atacada.

O temor que Bakunin sente do perigo que corre a Internacional aparece em outra passagem de sua carta. Ele constata uma ruptura de fato entre os ingleses, os americanos e os alemães de um lado, e os franceses, os belgas, os espanhóis, os italianos e os eslavos do outro. “É preciso estabelecer duas Internacionais? Uma germânica, a outra latino-eslava?”,

⁶³ O que define a abordagem social-democrata da questão é a divisão do trabalho partido-sindicato, independentemente das modalidades — pacíficas ou violentas.

indaga. Seria um triunfo para a burguesia. Ele então apresenta uma nova questão: “Há uma possibilidade de conciliar o programa marxiano com o nosso?” A resposta é não. Terceira questão: “É necessário, enfim, pelo amor à paz e para salvar a unidade da Internacional — sacrificar um desses programas ao outro”? A resposta é, uma vez mais, não.

O que fazer, então? — É preciso buscar essa unidade lá onde ela se encontra, e não onde ela não pode encontrar-se. É preciso procurá-la não em teorias seja políticas, seja filosóficas, mas nas aspirações solidárias do proletariado de todos os países à emancipação material ou econômica — no terreno da luta econômica, prática cotidiana do trabalho explorado pelo capital.

A solidariedade concreta dos membros da Internacional é o único ponto verdadeiramente obrigatório, que funda a unidade da organização. Todo o resto é acessório. Os debates que se desenrolam nos congressos sobre “a instrução integral, a abolição dos Estados ou a emancipação da mulher⁶⁴, a propriedade coletiva, a abolição do direito de herança, o ateísmo, o materialismo ou o deísmo” constituem questões muito interessantes e sua discussão é muito

⁶⁴ A emancipação da mulher era uma questão à qual Bakunin era particularmente ligado.

útil ao desenvolvimento intelectual e moral do proletariado, mas nenhum congresso tem o poder de resolver essas questões nem as impor aos membros da Internacional. Hoje, em 1872, o que está em jogo mudou. Após a guerra franco-prussiana, a Comuna e a unificação da Alemanha, as relações de força modificaram-se; além disso, a empresa de Marx e de seu círculo no aparelho da Internacional não parece poder ser colocado em causa. "A organização da luta internacional, econômica, prática, cotidiana do trabalho contra o capital, eis o único objetivo explícito, a única lei obrigatória, suprema da Internacional."

A quatro meses de sua exclusão da A.I.T., Bakunin reafirma que a solidariedade que une os trabalhadores é

completamente independente das diferentes correntes políticas e filosóficas seguidas pelas massas operárias em diferentes países. Se os operários da Alemanha, por exemplo, fazem greve, se eles revoltam-se contra os burgueses-exploitadores, vós não lhes perguntareis se eles crêem em Deus ou se não crêem, se eles são a favor do Estado ou contra ele. Vós os apoiareis na medida de vossas forças porque são trabalhadores insurgidos contra seus exploradores.⁶⁵

⁶⁵ Carta a T. G. Morago, 21 de maio de 1872. Para mostrar que ele

A reflexão sobre a organização da minoria revolucionária na época de Bakunin e Marx deve evitar o anacronismo que consiste em abordar a questão nos termos em que ela apresentou-se com a aparição da ala radical da social-democracia — o bolchevismo — no início do século XX. Devemos ter em mente que os debates que marcaram a ruptura do marxismo revolucionário com a II Internacional ainda não ocorreram; devemos também nos lembrar de que o marxismo tal como aparecia na época era essencialmente parlamentar.

Nos anos 1860-1870, assiste-se a tentativas malsucedidas de constituir uma organização revolucionária. Ninguém à época encontrou solução aceitável. Se Bakunin oscila entre organização pública e organização secreta — as organizações operárias são ilegais na França, na Itália, na Espanha, na Bélgica — as organizações secretas em questão são mais redes de militantes que se correspondem entre si do que uma instância que tenciona colocar-se como direção do proletariado internacional. O principal objetivo é reagrupar os militantes ativos e decididos, a fim de constituir quadros revolucionários, tarefa que, cronologicamente, parece

não confunde a direção alemã da A.I.T. com o proletariado alemão, Bakunin explicita várias vezes a necessidade de apoiar os trabalhadores alemães em caso de conflito.

natural quando se quer imprimir certa orientação a uma organização de massa.

Bakunin colocou o problema da organização dos revolucionários e de suas relações com as massas. Ele o colocou em oposição à estratégia política de Marx, eleitoralista e parlamentar. Os sucessores de Marx esquecem de bom grado que durante a revolução de 1848, na Alemanha, existia uma organização revolucionária, a Liga dos Comunistas, que Marx e Engels dissolveram.

Em larga medida, trata-se de um período de tateios, e as modalidades de organização dos revolucionários não aparecem com a evidência e as certezas que desenvolverão mais tarde um Lênin.

Pode-se, por sinal, observar que o essencial da crítica leninista da social-democracia alemã, que funda o bolchevismo, já fora feita trinta anos antes por Bakunin. Este último não encontrou solução ao problema por ele colocado. Agora sabemos que Lênin também não.

O fato é que Bakunin desenvolveu uma teoria da organização do proletariado que merece mais do que os simplismos redutores de seus adversários e também, devemos dizê-lo, às vezes, daqueles que reivindicam a mesma corrente que ele.

A descrição da organização feita por Bakunin constitui uma verdadeira antecipação do que será o anarco-sindicalismo. Ele situa-se na continui-

dade de Proudhon, que entendia substituir a democracia política fundada no sufrágio universal pela democracia industrial. Essa abordagem, por sinal, foi partilhada por uma fração do partido bolchevique, a Oposição Operária de Alexandra Kollontai e de Schliapnikov, que foram, por sinal, acusados de “anarco-sindicalismo” por Lênin.